

O MUSEU DE ARTE SACRA DE PERNAMBUCO E OS SANTOS DE ROCA

Cássia Teixeira da Penha

Mestranda do Mestrado Profissional em História

Universidade Católica de Pernambuco-Recife

E-mail: cassiateix@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre o acervo do Museu de Arte Sacra de Pernambuco, com a finalidade de verificar sua contribuição à formação dos estudantes, sobretudo nas áreas de história e arte e propor atividades para o setor educativo. No artigo procuramos fazer uma abordagem sobre a instituição museal, MASPE, que presta serviços à sociedade através da valorização e reconhecimento do patrimônio religioso. Traçamos o perfil do Museu e discorremos sobre a edificação. Fizemos uma análise da origem e utilização das esculturas sacras conhecidas como santos de roca, imagens de vestir e santos de procissão, pertencentes ao acervo do Museu.

O Museu de Arte Sacra de Pernambuco, reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, está localizado na cidade de Olinda. É um espaço cultural com acervo composto por peças sacras e religiosas. Muitas de suas imagens fizeram parte das igrejas e irmandades de Olinda, datadas do século XVII ao século XX, que apresentam características da sociedade civil e religiosa local.

Palavras-chave: Museu. Museu de Arte Sacra de Pernambuco. Imagem de vestir. Educação

1. MUSEU E PATRIMÔNIO

Desde o surgimento na antiguidade, o museu passa por várias transformações. É um espaço cultural, deixando de ser apenas o local de guarda e conservação de objetos, tornando-se responsável pela produção do conhecimento. A documentação museológica, é um conjunto de informações, representadas por meio de imagens ou palavras, que permitem a exploração das coleções para aprendizagem e diversão.

Qualquer que seja a natureza de sua coleção, o museu é guiado, em sua disposição, seu crescimento e a orientação de sua pesquisa, por uma missão de instrução pública que lhe confere toda a sua legitimidade (POULOT, 2013, p. 64).

Os museus, a partir de suas características, apresentam-se como instrumento de preservação da memória de uma sociedade. Suas características foram modificadas a partir do seu desenvolvimento, uma vez que, a princípio tinha o objetivo apenas de salvaguardar e não de disseminar as informações culturais.

Segundo o Conselho Internacional de Museus (ICOM), o museu é definido como toda instituição permanente, sem fins lucrativos, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa e expõe coleções de objetos de caráter cultural ou científico para fins de estudo, educação e entretenimento. São documentos materiais dos povos e de seu ambiente (ICOM, 1989).

Para Le Goff (1996), a forma científica da memória coletiva, a história, é resultado de uma construção, que aplica-se a dois tipos de materiais que a imortalizam: os documentos e os monumentos.

> O que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: **os** monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador (LE GOFF, 1996, p.535).

A educação patrimonial é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Busca levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e

propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

De acordo com os estudos de Pacheco (2010), a educação patrimonial é uma metodologia de ensino pensada para o espaço do museu e que orienta o uso do objeto cultural para reconstruir os significados dos bens patrimoniais junto às suas comunidades.

> É um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização de sua cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (PACHECO, 2010 p.149).

As ações educativas nos museus surgem como importante ferramenta cuja intenção não é apenas de chamar o público para o museu, mas de construir informação, fazendo com que as pessoas reconheçam e compreendam a história que estes locais apresentam a partir do conteúdo material e imaterial contado no museu.

Os museus apresentam-se como instrumento de preservação da memória cultural de uma sociedade, bem como são responsáveis pelo patrimônio natural e cultura, material ou imaterial.

2. O MUSEU DE ARTE SACRA DE PERNAMBUCO – MASPE

Com o crescimento da valorização do patrimônio cultural e religioso, as imagens de arte sacra merecem ser valorizadas, e vistas como vestígios materiais que resguardam em seus significados diversos elementos simbólicos que fizeram parte das tradições centenárias que dão consistência as nossas tradições culturais e religiosas (ARAÚJO JÚNIOR, 2016).

O Museu de Arte Sacra de Pernambuco surgiu da colaboração entre a Arquidiocese de Olinda e Recife em conjunto com a Fundação do Patrimônio Histórico e artístico de Pernambuco, com o objetivo de abrigar o acervo religioso da Arquidiocese, preservar a memória e a religiosidade olindense. Muitas de suas imagens fizeram parte das igrejas e irmandades de Olinda, datadas do século XVII ao século XX, e apresentam características da sociedade civil e religiosa.
A visibilidade da grandeza do Museu de Arte Sacra de Pernambuco é proporcionada pelo tempo da sua existência, seu precioso conteúdo histórico e religioso, seu valor cultural e a riqueza do seu acervo. Com todos esses atributos de um legítimo patrimônio, tem como compromisso tornar visível e accessível todo esse potencial histórico cultural e artístico.

O MASPE está instalado na cidade de Olinda, à rua Bispo Coutinho nº 726, Alto da Sé. Sua construção tem origem no período da colonização, sendo 1537 o ano da possível construção do prédio, por ordem de Duarte Coelho, então governador da capitania de Pernambuco. Em 1630, os holandeses destruíram parcialmente o prédio que foi reconstruído após a expulsão dos invasores (MELLO, 1978).

Em 1676 quando foi criada a Diocese de Olinda, administrada pelo Bispo Dom Estevão Brioso de Figueiredo, surgiu a necessidade de um local para sua moradia tendo o edifício sido cedido. O local foi oficializado como moradia episcopal no ano de 1693, tornando-se propriedade da diocese, sob a responsabilidade do bispo Dom Matias de Figueiredo. Entre os anos de 1755 e 1786 e no século XIX a construção sofreu algumas modificações. O último bispo a morar no palácio foi Dom Thomás de Noronha e Brito, que ficou à frente da diocese de 1823 até 1829, cujo brasão episcopal continuou na frente da edificação, tornado-se, oficialmente o símbolo do Museu de Arte Sacra de Pernambuco. O prédio foi também quartel do exército de soldados durante a segunda guerra, Casa de Câmara e Cadeia e escola. As diversas utilizações que a construção teve, desde quando deixou de ser a moraria dos Bispos, levou a grandes descaracterizações (MENEZES, 1994).

Na década de 1970, um convênio foi firmado entre a Arquidiocese de Olinda e Recife e o Governo do Estado, através da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, com recursos federais e com estudos dos arquitetos José Luiz da Mota Menezes e Fernando de Barros Borba, para que o prédio fosse restaurado, procurando-se devolver as características originais, onde os balcões de ferro foram substituídos por madeira, os torreões foram reconstruídos e a varanda foi retirada por não fazer parte do projeto original. Ostenta em sua fachada além do brasão episcopal a placa da UNESCO, que em 14 de dezembro de 1982, elevou Olinda a Monumento Cultural da Humanidade.

A natureza administrativa da instituição é pública estadual, embora exista um convênio entre a Arquidiocese de Olinda e Recife e a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - FUNDARPE. O processo administrativo é de responsabilidade da Fundação, em consenso com a Arquidiocese que também participa da gestão do Museu, uma vez que o gestor escolhido para administrar o MASPE é, geralmente, da Arquidiocese (MASPE).

O Museu de Arte Sacra de Pernambuco, enquanto instituição tem a missão de prestar serviços à sociedade através da valorização e reconhecimento do patrimônio material e imaterial de arte

sacra, visando contribuir para o desenvolvimento sociocultural do país e para a promoção da dignidade humana, da universalidade do acesso e o respeito à diversidade cultural e religiosa. Tem como objetivo geral, pesquisar, preservar e comunicar o patrimônio cultural sacro em todas as suas manifestações. E como propósito, manter sob guarda o acervo religioso da Arquidiocese de Olinda e Recife, e divulgar o patrimônio através de exposições e ações educativas.

O MASPE não é um museu estático. É um centro de estudos e pesquisa e não está voltado apenas para a arte sacra em Pernambuco, está aberto a intercâmbio com outros estados brasileiros e países. Possui uma dinâmica de operar, através de exposições, tendo por base a arte de caráter religioso. As peças sacras que compõem o seu acervo foram doadas por instituições, por particulares, e adquiridas pela FUNDARPE, além das cedidas pela Arquidiocese e as depositadas por empréstimo, por particulares, ordens religiosas e outras entidades.

As imagens sacras e religiosas tornam o Museu de Arte Sacra de Pernambuco um equipamento de preservação da memória e da religiosidade. Interpretando as imagens como herança do passado, vemos que a preservação da memória e da religiosidade encontra-se atrelada às imagens de arte sacra e religiosa.

As exposições temporárias obedecem ao calendário litúrgico como semana santa, São João, Natal. O acervo fixo consta de uma centena de peças do conjunto de bens que integram o patrimônio da instituição. São pinturas religiosas, latino-americanas, reproduções fotográficas de mapas, pinturas, peças arqueológicas e elementos da arquitetura do período colonial que nos dão uma visão geral sobre a origem de Olinda. As imagens dos santos populares, presépios e via sacra, produzidas por artesãos pernambucanos de Tracunhaém e outros municípios, e santos de gesso. Imagens do século XX, com estrutura de ferro e policromadas, santos e relicários, crucifixos e imagens, que dão uma noção da evolução da imaginária do século XVII e XIX, através dos diferentes estilos, materiais e técnicas empregadas na sua confecção, e objetos de culto de igrejas e os santos de procissão, de roca e do tipo manequim. As imagens de arte sacra seguem as características artísticas, típicas de sua época, com elementos de estilos, como por exemplo, do Barroco e do Rococó (MASPE).

3. AS IMAGENS DE ROCA E DE VESTIR

Segundo Schubert (2009), “A imagem Sacra é apresentada como uma continuidade do texto bíblico, uma extensão da palavra de Cristo, podendo (e sendo) vistas como uma bíblia para não leitores ou analfabetos: a Bíblia Pauperum – ou bíblia para os pobres” (apud ARAÚJO JÚNIOR, 2016, p. 89).

As primeiras imagens religiosas chegaram ao Brasil através dos colonizadores portugueses com o objetivo de evangelizar os nativos. Elas tinham o ofício de persuadir e de impressionar as pessoas e foram utilizadas como recurso didático pelos padres missionários na catequese. Dentre as imagens sacras que fazem parte do acervo do MASPE, as dos santos de vestir e as de roca, tiveram seu maior uso no século XVIII, chegando a atingir o século XIX.

> Imagem de roca, ou santo de roca, é a designação genérica usada para um tipo de imagem que tem como “principal” característica a possibilidade de ser vestida. Ela também é chamada de imagem de vestir, imagem de bastidor ou imagem de procissão. Essa terminologia não é de todo clara. Sugere-se uma associação com as primeiras vestimentas feitas com tecidos fabricados com o uso da roca1, ou a comparação com um bastidor, em que o tecido é esticado. O **Novo dicionário da língua portuguesa,** de Aurélio Buarque de Holanda, no verbete 3, diz que roca é a “armação de madeira das imagens dos santos” *2*.Também no que se refere à origem dessas imagens e à sua utilização como parte do culto católico, não há estudos conclusivos.
> Fala-se que teriam surgido de encenações religiosas ainda no período medieval (OLIVEIRA, 2009).

As imagens de vestir e as de roca tiveram seu maior uso no Brasil no século XVIII, tornando-se um valioso acervo da arte imaginária de estilo barroco, chegando a atingir o século XIX. As imagens de vestir são usualmente classificadas como aquelas destinadas às cerimônias de procissão e descritas como imagens que recebiam roupagem de tecido, cabeleiras naturais e, por vezes, olhos de vidro, jóias, rosários, espadas, cruzes, escapulário, animais, dentre outros adornos para dar a elas, aparência de coisa viva. Acrescentavam-se coroas, resplendores ou diademas, além de atributos identificadores da iconografia (estudo dos assuntos representados por imagens artísticas, obras de arte, relacionando com as suas fontes e significados) ou a figura do Menino Jesus, muitas vezes também de vestir. Elas eram criadas para provocar emoções e lágrimas nos fiéis, perante as cenas de sofrimento de Cristo e da Virgem Maria. A possibilidade gerada pelas imagens de mudar a roupagem e de expressão, permitia uma comunicação mais direta com o público.

Os tipos de imagens podem ser: as que possuem anatomia completa, mas, muito simplificada, e vestuário em tecido; as de anatomia parcialmente representada, geralmente até a cintura; as que têm todo o corpo de ripas ou gradeado exceto mãos, pés e cabeça e as com membros articulados. As imagens de vestir são as que possuem corpo definido, sem acabamento na

escultura, que é escondido pelas vestes. O cuidado é com o acabamento das partes visíveis, pés e mãos. Muitas delas possuem olho de vidro e articulações. Possuem apenas o rosto e as mãos esculpidas, todavia, em algumas, os pés aparecem. O corpo é uma armação feita com ripas de madeira, coberto pelas vestes, os braços geralmente são articulados e possuem cabelos naturais e olhos que podem ser de vidro, ou esculpidos, e coloridos. As de imagem articulada possuem bom acabamento e policromia. As articulações geralmente acontecem na ligação do braço com o ombro.

> "Imagens de roca" não só pela semelhança com o fuso da roca de fiar, como por terem sido, na sua origem, vestidas com tecidos fabricadas nesse instrumento de grande uso na antiguidade. Chamam aquelas que possuem a parte superior simplificada e a inferior com armação de madeiras como imagens de bastidor e aquelas com vestes simplificadas e articulações nos membros como imagens de vestir pela aparência com as imagens desbastadas espanholas e que eram assim conhecidas por receberem vestes luxuosas e mantos bordados (FLEXOR, 2005,p. 176).

As imagens articuladas do Museu de Arte Sacra de Pernambuco estão expostas na última sala do circuito da visitação. Destacamos três delas, a de São Benedito, que representa a santidade negra, o Cristo com elementos da Paixão e uma imagem de roca despida que nos leva a entender como funciona a escultura.

4. EDUCAÇÃO EM MUSEUS

O museu é hoje um espaço de mediação entre os objetos culturais e o público. É visto como um ambiente de educação pelas instituições cujo objetivo é desenvolver estratégias para favorecer a interação do público com o acervo por meio da mediação cultural e das atividades vivenciadas com a finalidade de preservar, cultuar e divulgar a história ou os valores morais e culturais dos diversos segmentos da sociedade. Para educar, faz-se necessário que se crie situações significativas de aprendizagem.

> O museu é um dos locais em que se processa nossa cognição, em que exercitamos nossa capacidade de leituras do mundo por meio das referências materiais ali encontradas e suas contextualizações. É uma instituição dinâmica, que trabalha com a preservação e a sistematização da herança cultural mediante processo de salvaguarda (documentação e conservação) de objetos-testemunho, que, reconhecemos nas obras de arte produzidas, e transforma-os em objetos-diálogo pelo processo de comunicação museológica, que se caracteriza por ser um sistema interativo entre o bem cultural, organizado em uma exposição, e a sociedade que o preserva. A manutenção do patrimônio pela comunicação museológica trata diretamente da interface museu-público, por meio das exposições e das ações educativo- culturais (LIMA, 2009 p.233/234).

O conteúdo didático transmitido pelos museus facilita o aprendizado e a utilização dos bens culturais como recursos didáticos e enriquecem a prática educativa. Os museus são por excelência, espaços pedagógicos, de divulgação do discurso, da formalização e consolidação das identidades e de prazer, de descoberta, de gosto pelo saber. O museu é visto como um espaço de mediação entre o objeto cultural e o público, desenvolvendo estratégias de mediação objetivando favorecer a interação do público.

Hoje, as ações educativas promovidas pelos museus têm o objetivo de despertar a capacidade intelectual, artística, ideológica e cultural, e oferecer ao público a oportunidade de pensar sobre sua realidade, o museu é um local em que acontecem relações entre indivíduos e entre indivíduos e objetos, permitindo a tomada de consciência do passado e do presente que atribui uma dimensão pessoal, por meio de uma experiência indireta entre a realidade em que a obra foi criada e a realidade atual que o indivíduo vivencia no espaço museológico. O museu passou a ser visto como um agente da educação permanente da comunidade.

As ações educativas e culturais nas instituições museológicas são ferramentas valiosas para atrair um maior número de visitantes, onde as pessoas possam frequentar, encontrando um ambiente de formação do conhecimento, de lazer e diversão. Os museus são instituições que preservam referências patrimoniais e, por meio delas, propõem reflexões amplas sobre o homem, seu meio ambiente e suas atividades, por isso se vinculam necessariamente ao conhecimento interdisciplinar.

Em seu livro Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos, Irene Tourinho e Raimundo Martins (2011), afirmam que a ampliação ou alargamento do campo e das práticas na educação é uma maneira de responder às demandas que se impõem a partir das condições de mudança social, cultural, econômica e tecnológica do mundo contemporâneo.

O ato de observar imagens não ocorre num vazio cultural, e sim, em contexto, e o contexto orienta, influencia, transforma o que vemos. O mundo das imagens visuais é vasto e necessita de referências que situem e orientem nossa prática educativa.

Do ponto de vista pedagógico o museu é o local onde se realiza tanto a pesquisa sistêmica sobre o assunto que ele expõe como o espaço de sensibilização do público para determinados temas e assuntos. Para autores como Pacheco (2012) os museus servem, do ponto de vista didático, tanto ao ensino dos conteúdos factuais, possibilitando a coleta e sistematização de informações

pontuais, como aponta para o desenvolvimento das habilidades e da sensibilidade da cada visitante.

Desta maneira, a escola e o museu se articulam como lugares simbólicos que ensinam a disciplinar o olhar e que outorgam, como moeda de câmbio e recompensa à submissão disciplinar, o gozo derivado de decifrar o 'enigma' associado ao poder 'ver' além da superfície do que se vê.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expressão artística faz parte da vida do homem, desde a pré-história, sendo representada por meio de: imagens, pessoas, animais, elementos da natureza, objetos e divindades. A arte está intrinsecamente ligada às atividades humanas, integradas à realidade dos povos das mais remotas culturas, podendo ser um verdadeiro testemunho histórico ao retratar diversas situações. As imagens são consideradas os registros mais antigos do homem e também documentos de experiências de grupos sociais e seus modos de vida.

Em seus estudos sobre, O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual, Knauss (2006) afirma que as imagens pertencem ao universo dos vestígios mais antigos da vida humana que chegaram até nossos dias. Não se pode deixar de reconhecer o potencial de comunicação universal das imagens, mesmo que a criação e a produção delas possam ser caracterizadas como atividade especializada. A imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão.

Muitas das discussões do mundo da arte foram trazidas para a história. Essa interdisciplinaridade possibilita o crescimento da história como disciplina e do historiador como profissional. Nesse contexto as imagens auxiliam no processo do estudo do passado. Os historiadores têm buscado diversificar seu objeto de estudo e as imagens se abrem a essa busca. Vale salientar que o que faz da história uma ciência, é o compromisso com o mais possível e provável sobre um fato que possa ter ocorrido.

> As pinturas, as obras e os objetos culturais quando postas no campo exploratório e analítico, possuem a capacidade de despertar no visitante uma intersubjetividade que gera, através de uma investigação, formação de opiniões e conhecimento. A arte, muitas vezes, caracterizada como uma manifestação cultural mediada pela observação e contextualização de um tempo e espaço, é fruto de uma exteriorização de sentimentos, pensamentos e relações.
> A arte como produto de uma ação artística, juntamente com sua função de tecer vínculos, desenvolver cognições e articular realidades, configura-se como um artefato

> primordial da cultura e no museu. É irrefutável a necessidade de utilização da arte, na educação básica, sobretudo, na formação de uma conscientização patrimonial (MEDEIROS, 2011, p. 788).

O desenvolvimento de ações educativas nos museus surge como essencial ferramenta, não somente na intenção de chamar o público para o museu, mas de construir informação, possibilitando que as pessoas que ali estejam reconheçam e compreendam a história que estes locais trazem consigo. A função dessas ações é também, contribuir para a formação do gosto pela frequência e usufruto da cultura.

A pesquisa aborda e valoriza esta importante ferramenta para atrair um maior número de visitantes para estas instituições, onde a comunidade em geral, e principalmente, estudantes e professores, possam frequentar estes locais e, se apropriarem dos mesmos, encontrando não somente um ambiente de formação do conhecimento, bem como de divertimento, de lazer, independente da faixa etária ou rede escolar aos quais eles pertençam. Visa contribuir para as discussões sobre o MASPE como instituição social e cultural, destacando-se a importância das ações culturais e educativas na instituição.

É nosso objetivo propor atividades educativas para o Museu de Arte Sacra de Pernambuco a partir das observações e análise do acervo museológico e das atividades já desenvolvidas pelo setor educativo, que são voltadas ao público escolar, com a finalidade de contribuir com a formação dos estudantes. Jogos de tabuleiro, de dados, oficinas, dramatizações e outras atividades serão propostas com a finalidade de tornar a visita ao MASPE mais atrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO JUNIOR, Iron Mendes de, **O papel das imagens sacras na religiosidade: análise das obras do Museu de Arte Sacra de Pernambuco e igrejas do Sítio Histórico de Olinda/** Iron Mendes de Araújo Júnior; orientador Sérgio Sezino Douets Vasconcelos, 2016 Dissertação (Mestrado) – UNICAP - Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião , 2016.

BARBOSA**,** Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte – Estudos**. Editora Perspectiva Porto Alegre: Fundação IOCHPE – 1991

BARBOSA**,** Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). **Arte/educação como mediação cultural e social.-** São Paulo: Editora UNESP, 2009

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

CAVALCANTI, Vanildo Bezerra, 1919-1988. **Olinda do salvador do mundo: biografia de uma cidade**, 2. Ed.-Recife: CEPE, 2017

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2006

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Imagens de roca e de vestir na Bahia.** REVISTA OHUN – Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBAAno 2, nº 2, outubro 2005

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural.** 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n.12, p.57-115, jan-jun.2006

LE GOFF, Jacques, **História e memória,** São Paulo: Editora**:** Unicamp**,** 1996

LIMA, Anny Christina. Traços e passos: visitas ao Museu Lasar Segall. In BARBOSA**,** Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). **Arte/educação como mediação cultural e social.-** São Paulo: Editora UNESP, 2009

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene**. Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos** (org).- Santa Maria: Editora da UFSM, 2011

MEDEIROS, Maria do Carmo Vieira de. **Museu e sociabilidade: o papel do museu na educação patrimonial e incentivo à cultura** In: **Anais Eletrônicos do V Colóquio de História "Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio"**. Luiz C. L. Marques (Org.). Recife, 16 a 18 de novembro de 2011. p. xx-yy. ISSN: 2176-9060. Disponível em: http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/ [ver abaixo o final do link correspondente ao seu texto]. Acesso em [30/11/2017]

MENEZES, José Luiz Mota, in **Evolução Urbana e Territorial de Olinda: do Descobrimento aos Tempos Atuais – A Vila de Olinda – 1537-1630.**

MENEZES, José Luiz Mota, Palácio dos Bispos: Museu de Arte Sacra. Olinda, 1994

MELLO, José Antonio Gonçalves de. **Tempo de Flamengos. Influência da Ocupação Holandesa na vida e na Cultura do Norte do Brasil.** Secretaria de Educação e Cultura – Coleção Pernambucana, Recife, 1978

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura e patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008

OLIVEIRA, Selma Soares. **As seculares imagens de roca,** *Sitientibus,* Feira de Santana, n. 40, p.203-215, jan./jun. 2009

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O Museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus**. Artigo publicado na Revista Tempo e Argumento- Florianópolis, v. 4, pp63-81, jul./dez.2012

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história.** Artigo publicado na Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 30, nº 60, p. 143-154, 2010

PASTRO, Cláudio, **Guia do Espaço Sagrado**. 3ª edição: julho de 2001, São Paulo: Edições Loyola, 1999

PASSOS, Fernando Cruz dos PACHECO, Ricardo de Aguiar, **Museus de Olinda e as identidades do loca**l, revistainter-legere, nº10, janeiro a junho de 2012

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos, **A escrita do passado em museus históricos.** Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, DEMU, 2006

SCHUBERT, M. G. **Arte para a fé igreja e capelas depois do Concílio Vaticano II** Petrópolis:VOZES, 1979

MUSEU . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3807/museu>. Acesso em: 30 de Jun. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7